

“... QUEM MANDA AQUI SOU EU!”¹

Rainhas Coroadas nos Maracatus Nação Pernambucanos: inversões de papéis e rupturas nos espaços de poder.

Jailma Maria Oliveira²

Resumo³: Trata-se de uma etnografia que analisa um ritual festivo - maracatu nação pernambucano, através das relações de gênero que classificam e organizam espaços, posições e poderes nessa manifestação. Foca-se as rainhas coroadas e o seu poder de agência, numa perspectiva de ruptura de uma estrutura simbólica definidora de espaços para homens e mulheres. A presença das rainhas no comando do grupo implica em mudanças, de modo que as práticas relacionadas às classificações ficam mais evidentes, bem como os arranjos de poder que deslocam para os homens ou para as mulheres a legitimidade de liderança. Dessa forma, Turner pode ser útil para a análise do contexto das ações. Os dados provêm da observação de campo e de fontes oficiais. O maracatu nação divide-se em dois espaços: o batuque, liderado pelo mestre, emana um poder temporal e a corte, liderada pela rainha, um poder espiritual, com relativa equidade entre ambos. **Palavras-chaves**: maracatu - gênero - coroação – cultura popular.

Abstract: It is an ethnography that analyzes a festive ritual - maracatu nation of Pernambuco, through the gender relations that classify and organize spaces, positions and powers in this manifestation. It focuses the crowned queens and their agency power, in a perspective of breaking a symbolic structure that defines spaces for men and women. The presence of the queens at the helm of the group implies changes, so that practices related to classifications become more evident, as well as the power arrangements that shift leadership legitimacy to men or women. In this way, Turner can be useful for analyzing the context of actions. The data comes from field observations and official sources. The maracatu nation is divided into two spaces: the batuque, led by the master, emanates a temporal power and the court, led by the queen, a spiritual power, with relative fairness between both. **Keywords**: maracatu - gender - coronation - popular culture.

Introdução

Este estudo baseia-se num recorte da minha dissertação de mestrado, cujo objetivo foi analisar as relações de gênero e suas implicações na concepção de corporeidade de homens e mulheres nos grupos de maracatu nação pernambucanos⁴. A

¹ Expressão utilizada pela rainha do Maracatu Estrela Brilhante do Recife, durante entrevista em sua residência, em junho de 2009, ao se referir à importância da sua posição dentro do maracatu.

² Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA – UFPE). Pesquisadora do FAGES – Família, Gênero e Sexualidade (PPGA – UFPE). Possui experiência na área de Antropologia, com ênfase em Cultura Popular e Gênero. E-mail: jailmamoliveira23@gmail.com.

³ Uma primeira versão deste texto foi apresentada e publicada nos Anais da 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em julho de 2012, em São Paulo/SP. Para a submissão neste periódico foram feitas alterações no texto com vista a aprofundar a reflexão sobre o assunto.

⁴ Esta temática está relacionada a um estudo maior que foi financiado pelo CNPq, sob a coordenação da Profª Drª Lady Selma Ferreira Albernaz. A investigação refere-se à pesquisa “Concepções sobre corporeidade e fertilidade femininas entre brincantes de bumba meu boi maranhense e de maracatu pernambucano”, realizada em Recife-PE e São Luís - MA entre 2009/10, (Processo nº 402901/2008-8; Edital nº 57/2008).

ideia de escrever sobre as implicações da coroação de rainhas no maracatu nação, especificamente, surgiu no momento em que percebi que a sagração⁵ parece fortalecer a posição desta personagem, enquanto representante espiritual, o que coincide com o fato de algumas rainhas também assumirem posição de presidente do grupo, função ocupada em sua maioria por homens ainda hoje.

Do ponto de vista de gênero, esta hipótese serve para pensar o poder que se configura também no plano temporal⁶; e que caminha para uma perspectiva de ruptura de uma estrutura simbólica definidora de espaços para homens (poder temporal) e mulheres (poder espiritual) nessa manifestação. Nesse contexto, a presença das rainhas coroadas reforça esse aspecto dentro do maracatu. Isto porque as rainhas encarnam o feminino dentro dos grupos em contraposição e complemento ao masculino, de modo que as práticas relacionadas a estas classificações ficam mais evidentes, bem como os arranjos de poder que deslocam para os homens ou para as mulheres a legitimidade de liderança. A coincidência, rainha coroadas – liderança do grupo, é um exemplo desses arranjos de poder e dos seus deslocamentos? Pode-se dizer que a coroação se desdobra para o fortalecimento também da rainha enquanto liderança do grupo? É sobre a importância da coroação no maracatu nação pernambucano e sua relação com diferentes dimensões da manifestação que pretendo discutir nesse texto.

A pesquisa de campo foi guiada pelas técnicas etnográficas, através da observação participante e registros em caderno de campo. Incluiu conversas informais a partir das quais agendei entrevistas com roteiro semiestruturado para aprofundar e abordar as principais questões ligadas às relações e posições poder de homens e mulheres na manifestação. Consultei ainda fontes como jornais da imprensa local, com ênfase nas notícias e matérias sobre o tema, bem como a produção oficial sobre a manifestação, recolhida nas instituições culturais da cidade do Recife, mais precisamente, e trabalhos acadêmicos como teses, dissertações, monografias e artigos científicos, bem como livros e a literatura dos folcloristas⁷.

⁵ Cerimônia religiosa que consagra a rainha do maracatu nação, dando-lhe o posto de rainha coroadas. O termo 'sagração' não é uma categoria nativa, está sendo usado aqui como sinônimo.

⁶ Entenda-se por poder temporal, expressão criada pela a autora do texto, a capacidade de agência que determinados indivíduos e/ou grupos usufruem para tomar posições, decidir algo, organizar, liderar etc. Porquanto, todas as vezes que o termo se repetir estará fazendo referência a estes aspectos.

⁷ Para mais detalhes sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa, ver Oliveira (2011).

Confesso que levantar dados sobre o ritual de coroação de rainhas não é tarefa fácil para quem se lança nesse desafio, são poucas as fontes existentes sobre o tema, o que nos leva a uma espécie de garimpo para conseguir localizar fontes que nos dê respaldo na escrita e reflexão. Entretanto, até onde consegui ir com a pesquisa, procurei trabalhar com as diferentes visões e representações simbólicas sobre o ritual de coroação e suas implicações na conformação dos grupos, dando especial atenção às representações relativas à posição de homens e mulheres.

Para abordar as questões relacionadas à coroação, na perspectiva de gênero, este trabalho espelha-se no pensamento de Scott (1996), que favorece uma análise das classificações de gênero e suas implicações nas relações entre homens e mulheres dentro dos grupos. No que se refere à inversão de poder das estruturas simbólicas do maracatu, Turner (1974) inspira a análise por meio da noção de drama social. Sendo assim, o artigo divide-se em duas partes principais.

A primeira parte apresenta os aspectos históricos do maracatu, levando em consideração alguns processos sociais que permitiram ao longo do tempo a revalorização dessa manifestação junto às elites locais. A segunda atenta para as descrições dos folcloristas acerca de rainhas e reis no passado, tomando por base as coroações de Reis do Congo, bem como para a ausência do batuque e do mestre nestes registros. Esta exposição parece sugestiva para a análise das coroações no momento atual e suas implicações na organização dos grupos. Esta sessão destaca também como o poder da mulher se relaciona com o fato dela ser ou não a liderança do grupo, ocasionando com isso deslocamentos do poder feminino sagrado para a arena das decisões seculares. É nesse contexto que as relações de poder se reconfiguram evidenciando a mulher na esfera temporal. Para uma melhor sistematização da leitura esta parte subdivide-se em tópicos.

Sobre o maracatu nação⁸

⁸ Em Pernambuco existem dois tipos de maracatus, o nação ou baque virado, e o maracatu rural ou baque solto ou orquestra. A distinção baseia-se no ritmo, instrumentos, vestimentas, personagens e localização rural ou urbana. Aqui me ateno ao maracatu nação e para facilitar a leitura usarei sempre que necessário apenas o termo maracatu.

Considerada uma manifestação típica de Pernambuco⁹, o maracatu é formado por um cortejo com música e dança. A corte é composta basicamente de um portandarte, rei, rainha, príncipe, princesa, casais de nobres, no mínimo duas damas do paço, e o caboclo de pena que simboliza os laços com a Jurema. Inclui também os serviçais, tais como baianas, catirinas e ala de escravos. Cada uma das personagens é importante na composição do cortejo, sendo as damas do paço e a rainha as mais relevantes, porque recaem sobre elas as responsabilidades de ordem religiosa¹⁰ para proteção do grupo.

O batuque é regido pelo mestre, síntese do conjunto, que detém o poder sobre os batuqueiros e as batuqueiras, os quais tocam instrumentos percussivos, sendo os mais recorrentes, a alfaia (também símbolo do ritmo), a caixa, o abê e/ou mineiro e o gonguê. Geralmente lideram um grupo de maracatu o mestre do batuque, ou as rainhas, e mais raramente pessoas que não tem personagens ou posição no cortejo.

Os grupos de maracatu tem reconhecida sua relação com preceitos do Xangô¹¹ e da Jurema. Sua finalidade religiosa é celebrar os antepassados negros e/ou divindades afro-brasileiras, sintetizando assim sua relação com o sagrado. O maracatu também tem suas origens ligadas às camadas populares e a população negra, a qual está situada nas áreas de periferia da cidade do Recife e Região Metropolitana. Esses aspectos por muito tempo colaboraram para que os grupos fossem alvo de discriminação e desvalorização por parte da sociedade pernambucana. Mesmo que chamassem a atenção de folcloristas, não tinham o apreço de um público expressivo. Vale notar que estes mesmos folcloristas profetizavam o desaparecimento desta manifestação, ligada a um passado remoto e ameaçado pela modernidade (Lima, I. 2008)¹².

A partir do Movimento Manguebeat em Pernambuco, impulsionado e representado pelo cantor e compositor Chico Science e o grupo Nação Zumbi, no início

⁹ No Ceará também existe maracatu e teria sido levado a partir de Pernambuco de acordo com uma das versões existentes sobre o surgimento desta manifestação naquele estado. Na Região Metropolitana de Recife pouco se toca neste assunto. Para os cearenses ocorre o inverso, ver (Cruz, 2008).

¹⁰ Sabe-se que em Recife existe a formação de muitos grupos percussivos inclusive composto por uma corte. Entretanto, os aspectos aqui ressaltados são válidos e se referem à organização do maracatu nação, manifestação ligada à religião de matriz africana, também conhecido como maracatu de 'baque virado'. Sobre os grupos percussivos, mais adiante farei uma rápida menção.

¹¹ No Recife o Xangô é um equivalente do Candomblé baiano. Para um aprofundamento desta classificação ver Motta (1999).

¹² Esta visão foi recorrente nas obras de muitos folcloristas que se dedicaram ao estudo e conceituação do que vinha a ser o maracatus nação. Ver Lima (2005) e (2008).

da década de 1990, os grupos de maracatus ganharam nova força e valor, sendo ainda resinificados como expressão cultural de destaque e símbolo de negritude¹³. Através desse movimento, essa manifestação começou a ocupar espaços na mídia e na preferência musical do público pernambucano (Oliveira, 2007). Em função disso, novas nações de maracatu apareceram e outros tantos grupos surgiram no formato de grupos percussivos¹⁴ (Cf. Oliveira, 2007; Esteves, 2008; Lima, I. 2009).

Vale destacar que outros fatores também contribuíram para a valorização do maracatu. Segundo Guillen (2004), os trabalhos desenvolvidos por Mestre Salustiano em torno da preservação do maracatu de baque solto e a formação do grupo Maracatu Nação Pernambuco são exemplos dessa contribuição. Estas ações propiciaram tanto a preservação das manifestações locais como a sua aceitação por parte da classe média. Os novos contextos que projetaram os grupos de maracatus permitiram também a reconfiguração dessa manifestação.

Por exemplo, a bem pouco tempo atrás as mulheres não integravam o batuque das nações, com o surgimento dos grupos percussivos, formados por pessoas de classe média, elas passaram a se inserir nesse espaço, uma vez que nesses grupos a participação feminina sempre foi efetiva. Estas novas práticas parecem ter motivado as pessoas das camadas populares a redefinirem os espaços de homens e mulheres dentro dos maracatus tradicionais¹⁵, sobretudo no batuque. O mesmo pode-se dizer sobre a posição de mestre do batuque, havendo o caso de uma mulher nesta posição, mais especificamente, no Maracatu Encanto do Pina, cujo batuque é regido por Joana D'arc, conhecida como mestra Joana¹⁶.

Ainda que esses novos arranjos tenham dado destaque a mulher dentro do maracatu, parece haver um lugar em que elas são mais legítimas. Os símbolos e práticas religiosas que significam essa manifestação implicam nas posições e na distribuição do poder de homens e mulheres. Do ponto vista simbólico é possível sugerir que o masculino representa o poder temporal, encarnado no mestre que lidera o batuque,

¹³ A finalidade desse movimento era renovar a cultura local, a partir de uma mistura de ritmos que reunia elementos da cultura popular e da música pop nacional e internacional (Oliveira, 2007).

¹⁴ Esses grupos diferenciam-se dos maracatus tradicionais por serem realizados por pessoas de classe média e brancas. Caracterizam-se pela ausência do vínculo religioso e raramente têm uma corte, segundo as observações e a auto definição desses grupos. Ver Esteves (2008).

¹⁵ Outra denominação popularmente utilizada para designar e diferenciar o maracatu nação dos grupos percussivos.

¹⁶ Sobre a atuação de Joana D'arc na posição de mestra de maracatu, ver Oliveira (2011), especialmente capítulo 2.

espaço também simbolizado como masculino, e o feminino representa um poder sagrado, que emana da corte, encarnado nas figuras da rainha e da dama do paço, que carrega uma calunga (boneca), elemento que comporta os fundamentos espirituais do maracatu. Essas duas personagens são consideradas protetoras espirituais da nação. Saliente-se que o batuque e a corte são os dois espaços em que o maracatu se divide¹⁷.

Curiosamente, na literatura pesquisada as mulheres não aparecem como temas de estudos e se ocorre são exemplos pontuais (Oliveira, 2011). Por sua vez, não há menção da participação delas no batuque, ainda que as transformações tenham possibilitado a reconfiguração nos espaços do maracatu. Na memória atual considera-se que elas não integravam o batuque e não podiam ser mestras. Porém, algumas pessoas entrevistadas mencionaram exemplos de exceção, salientando que a atuação delas era para ensinar a tocar sem ter o direito a se apresentar publicamente, como era o caso de Rosinete do Maracatu Elefante.

Em que pese essas mudanças, ao mesmo tempo em que elas são desencadeadoras de tensões contribuem para uma ruptura na fixidez dos espaços antes destinados apenas aos homens. Neste trabalho, especificamente, será enfatizada outra dimensão que envolve a participação das mulheres no maracatu. Ou seja, a atuação das rainhas coroadas que parece gerar disputas com o mestre, conforme será discutido mais adiante haja vista as implicações que isto possui. O que se quer perceber é como a liderança de um e de outro, nos espaços que organizam essa manifestação, se desdobra e faz interface com a liderança do grupo no seu conjunto. Se a corte é o lugar legítimo para as mulheres, não parece haver uma relação direta que implique que elas venham a ser percebidas como lideranças e organizadoras das relações do grupo como um todo.

Rainhas, reis e mestres na história do maracatu nação

Quando se fala da história do maracatu nação em Pernambuco é quase sempre recorrente os relatos de que ele surgiu a partir dos rituais de coroações dos Reis do

¹⁷ Vale salientar que entendemos o maracatu como um cortejo real, característica que configura esta manifestação. Entretanto, para uma análise de gênero é importante fazer um recorte simbólico tendo em vista as relações e posições de poder se darem de formas distintas na corte e no batuque. Para a caracterização de gênero nos grupos de maracatu nação pernambucano (Cf. Albernaz e Neves, 2010 e 2011; Oliveira, 2011). Estes trabalhos são os primeiros a tratar das relações de gênero como foco principal e defendem esta classificação acima.

Congo¹⁸. O mesmo ocorre quando se observa as descrições de alguns folcloristas do final do século XIX e princípio do século XX, a exemplo de Pereira da Costa (1974), Acenso Ferreira (1951) e Mário Sette (1958). Estas coroações eram realizadas, em diversas regiões do Brasil, pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito, padroeiros dos escravos¹⁹.

Através dessas Irmandades coroavam-se os reis e rainhas e simultaneamente celebravam-se estes santos. Esses reis possuíam uma corte formada por cargos hierárquicos semelhantes aos da monarquia portuguesa, com secretário de estado, mestre de campo, damas de honor, etc. Os reis eleitos tinham ainda importância política entre os dignitários da corte e do poder público. Sua função maior era exercer, sobre a sua gente, a ordem e o controle frente ao sistema escravista da época. Para que essa relação fosse mantida caberia aos reis garantir o cumprimento dos deveres impostos em nome dos domínios da colonização. Embora o exercício do controle fosse um aspecto relevante e que dava sentido às coroações, é importante citar que este ritual também representava para os negros e negras um momento de autoafirmação e de compartilhamento de vivências ligadas a sua cultura²⁰.

No que se refere a essas coroações, temática aqui explorada no intuito de se compreender as posições de rainhas e reis dessa época e seus desdobramentos no contextos dos maracatus, tomando por base a obra desses folcloristas, é curioso notar como as descrições parecem indicar que reis e rainhas se coroavam, mas somente o rei, ao ser entronado, ocupava centralidade e destaque na sociedade colonial dos séculos XVIII e XIX. A figura do rei era a mais importante como símbolo da nação que representava e por media a relação entre senhores e escravos. O mesmo não acontece quando se observa o papel das rainhas nesse ritual. Elas sequer são mencionadas, o que desperta interesse em saber que importância possuíam e quais as suas atribuições dentro do sistema.

¹⁸ Das nações negreiras trazidas da costa africana para o Brasil, as que mais se destacaram foram as da região do Congo, razão pela qual tinha maior presença nos rituais de coroação. (Cf. Souza, 2006). Posições discordantes acerca das origens do maracatu podem ser vistas nos trabalhos Maccord (2001), Guillen (2004) e Lima, I. (2008). Para Maccord, inclusive, tanto as coroações quanto os maracatus existiram ao mesmo tempo no transcorrer do século XIX.

¹⁹ Sobre a irmandade de São Benedito e sua importância para os escravos, ver Silva (2000).

²⁰ Ver Reis (1990).

É bem verdade que poucos foram os relatos feitos acerca das coroações de Reis do Congo em Recife e Olinda e até mesmo dos maracatus nesse período, o que dificulta saber, em que medida as mulheres foram tema de discussão por parte dos folcloristas nessa época. Entretanto, ao descreverem as instituições dos Reis do Congo e seus momentos festivos, esses primeiros estudiosos pareciam muito mais preocupados em caracterizar o seu funcionamento e a sua estrutura hierárquica, de modo a dar mais ênfase aos homens nos espaços de poder em relação às mulheres. Isto ocorre quando destacam cargos, títulos ou nomeações conferidos a corte real na sua relação com o regime da colonização. Mesmo que ainda cause espécie a ausência das mulheres nas fontes do passado, sabendo-se que elas sempre estiveram presentes na história dessa celebração, já se pode apontar uma possível resposta provisória para isto.

As ferramentas analíticas utilizadas pelos pesquisadores pareciam espelhar seus próprios valores e nesse sentido não conseguiram perceber a presença das mulheres nos espaços sociais dessa época. Por outro lado, este parece ser também um problema de ordem maior, afinal a história das mulheres, enquanto tema de estudo, é algo bastante recente entre nós, o próprio pensamento feminista faz essa constatação ao tratar do assunto (Scott, 1996). A principal razão para esta ausência decorria da teoria social, onde as mulheres tinham suas posições sociais derivadas das posições dos homens (pai, marido ou filho). Daí que as suas posições não teriam importância e não mereciam uma investigação empírica relevante.

Ao escreverem sobre os maracatus, como sendo uma manifestação que se originou a partir das coroações, outro aspecto também não parece ser mencionado por esses mesmos folcloristas, a exemplo do que hoje chama-se mestre de batuque. “Os maracatuzeiros(as), na maior parte dos estudos (...) não possuem rostos, cor, gestos, identidades e até mesmo nomes, posto que os grupos sequer apareciam em sua individualidade” (Lima, I. 2010:94). As descrições mais comuns versavam sobre a formação da corte, seus personagens e vestimentas, bem como sobre os tipos de instrumentos que constituía o batuque. Este ponto sugere indagar sobre quem comandava a percussão dos maracatus do passado e sua importância dentro do grupos. E mais, se à época existia de fato alguém que nesta função.

É importante lembrar, que pelas fontes disponíveis não se sabe ao certo se os grupos eram organizados, no sentido de estabelecer posições tão específicas como esta e

se de fato o batuque exigia algum tipo de regência. No entanto, parece pertinente o argumento, uma vez que as descrições deram tanta ênfase nos personagens e elementos dessa manifestação. Ainda que as questões, aqui ressaltadas, tenham passado ao largo, a autoridade dos folcloristas, no que diz respeito às feições das coroações de Reis do Congo, bem como ao próprio maracatu nação, suas origens, contextos e configurações, foi por muito tempo considerada inquestionável, por terem sido os precursores no estudo das tradições populares. Invocar suas contribuições serve na atualidade para adensar o conteúdo de novas análises, possibilitando uma reflexão crítica acerca dos arranjos que estruturaram e reestruturaram os maracatus nação pernambucanos no curso da história.

Levando em conta o sentido dessas indagações, se no passado as rainhas coroadas eram invisibilizadas, e se inexistem descrições acerca de quem regia o batuque dos maracatus, no desenrolar da história, esse cenário começa a dar sinais de reconfiguração. A figura de Dona Santa como Yalorixá e rainha do Maracatu Elefante é emblemática para pensar essas questões. Seu reinado como rainha coroada e liderança comunitária parece ter posto em evidência o papel das mulheres nessa posição. Isto sugere uma espécie de inversão de valores, ainda que historicamente não se tenha elementos que possam afirmar em que momento se deu tal inversão.

Nesse sentido, sugere-se que a rainha passa a ser mais importante do que o rei. Ao se coroar em 1947²¹ Dona Santa iniciou um legado que a consagrou como símbolo de realeza, de poder sagrado e liderança temporal, reconhecida pelos integrantes da sua nação e por tantos outros grupos existentes na época. Conforme aponta Carvalho (2007), dentro da sua nação, por exemplo, os batuqueiros devotavam-lhe muita obediência e reverência frente ao seu papel. Sua trajetória rendeu-lhe ainda a simpatia e o respeito dos intelectuais recifenses, bem como de uma elite política que, diga-se de passagem, enxergava a cultura africana pela lente do preconceito e da perseguição racial. Dessa forma, “(...) é possível pensar que tanto nas práticas quanto no universo simbólico as coroações podem significar coisas muito diferentes, dependendo do momento histórico em que se esteja discutindo” (Guillen, 2004:03).

²¹ Em Guerra-Peixe (1980) este ano aparece como uma data aproximada da coroação de Dona Santa no maracatu Elefante. Entretanto, consta nos registros que ela já havia sido coroada durante sua passagem pelo Leão Coroado. Sobre esta coroação, não constam nas fontes disponíveis, como livros, dissertações e teses, maiores informações sobre data que esta cerimônia aconteceu.

Além destes atributos Dona Santa conquistou muitas vitórias nos concursos carnavalescos, durante o tempo em que esteve no comando do Maracatu Elefante. Nesse período seu maior concorrente era Cosme Damião, articulador do Maracatu Estrela Brilhante do Recife. Como afirma Lima, I. (2010) sua importância foi fruto de uma construção histórica que perpassou o tempo, de modo que seu lugar, após sua morte, passou a ser almejado pelos maracatuzeiros(as) da sua época, a exemplo do conhecido mestre Luís de França, do Maracatu Leão Coroado, da rainha Madalena²² do extinto Maracatu Indiano e do rei Eudes Chagas, do Maracatu Porto Rico do Oriente. Muitas contendas e disputas foram geradas entre os três na busca pela mesma visibilidade social que Dona Santa possuía. Isto prova que sua atuação se fez repercutir na relação entre os seus pares e, em certa medida, na forma de organização dos grupos, mais especificamente nos seus espaços de poder. É aqui que se pode falar do surgimento dos mestres como símbolos de lideranças do batuque.

Entre os três nomes citados Luís de França parece ter sido o que mais buscou a mesma primazia e prestígio conferidos a Dona Santa, pelo reconhecimento que possuía como mestre de maracatu por ser detentor de um saber fazer à frente de um conjunto de homens. (...) tendo-se um representante de cada sexo das posições mais importantes e simultaneamente símbolos e emblemas dos dois espaços organizativos (...) corte e batuque, afigurava-se como tudo estando resolvido e devidamente registrado nos anais da história (Albernaz, 2012:8). Para além dessas pretensões, sua trajetória ligada ao batuque e a de Dona Santa mais propriamente a corte, além de reforçar a separação desses dois espaços e a sua classificação como masculinos e femininos, evidenciam-nos como os seus principais representantes.

No período pós Dona Santa, até a década de 1980 não se tem ao certo registros mais detalhados de que alguma rainha de maracatu tenha sido coroada²³. Deste período em diante, as rainhas que se coroaram até hoje, como Elda de Oxossi, do Maracatu

²² Madalena, embora não tenha sido coroada, teve um importante papel na reestruturação de alguns maracatus após a morte de Dona Santa, a exemplo do próprio Maracatu Elefante quando assumiu a sua realeza tempo mais tarde. Sobre Dona Madalena e sua atuação nos maracatus da sua época, ver Lima, I. (2010).

²³ De acordo de Barbosa, V. (2001), alguns dos seus interlocutores apontaram que entre as décadas de 1916 e 1950, aproximadamente, algumas rainhas que passaram pelo Estrela Brilhante do Recife chegaram a se coroar, na época de Cosme Damião, seu fundador. No entanto, não há registros sobre elas. No seu trabalho a autora apenas descreve as datas e os nomes das mulheres que foram coroadas nesse período. O mesmo ocorre com a coroação da rainha do também extinto Maracatu Dois de Ouro, cuja sagração foi brevemente noticiada pelo Jornal do Recife do dia 03 de março de 1922. Ver Guillen (2004).

Porto Rico, Marivalda, do Estrela Brilhante do Recife, Ivanize de Xangô, rainha do Maracatu Encanto da Alegria (já falecida), Nadja de Angola, do Maracatu Leão da Campina, e Lígia Rosalina da Silva do Maracatu Raízes de Pai Adão marcaram a retomada desse ritual. Com exceção de Ivanize de Xangô, as demais permanecem firmes no seu posto e fazendo jus a sua consagração.

Segundo as fontes encontradas, as datas das coroações das rainhas citadas constam logo abaixo. Quadro 1

Rainha	Grupo	Data da coroação
Elda de Oxossi	Maracatu Nação Porto Rico	08/10/1980
Marivalda dos Santos	Maracatu Estrela Brilhante do Recife	15/11/2002
Ivanize de Xangô (falecida)	Maracatu Encanto da Alegria	13/05/2003
Nadja de Angola	Maracatu Leão da Campina	21/05/2004
Lígia Rosalina da Silva	Maracatu Raízes de Pai Adão	06/12/2011

Como se pode notar, o ritual de coroação no maracatu com suas respectivas datações indica que o cotidiano dos maracatuzeiros(as) sempre foi marcado por processos que lhes permitiram, e ainda hoje permitem, a ressignificação e/ou a retomada de suas práticas. O intervalo de vinte e dois anos entre coroação de Elda de Oxossi e de Marivalda dos Santos é um bom exemplo disto. Mais recentemente, em 2011, observa-se a coroação de Lígia Rosalina reafirmando novamente a importância deste ritual na história do maracatu. Porém, as dinâmicas não se fazem de maneira harmônica e consensual, muitas vezes implicam em escolhas, que ora mantém pacífica a relação entre os sujeitos, ora geram disputas entre eles.

A grande visibilidade social que o maracatu passou a ter a partir da década de 1990 pode ser visto como parte desses processos, os quais tem colocado o maracatu nação em diálogo com diferentes contextos da sociedade, levando os grupos, em certa

medida, a redefinirem suas ações e formas de organização, bem como a retomar uma antiga prática ritual como é a cerimônia de coroação. Nessa perspectiva, figuras emblemáticas da manifestação como a rainha e o mestre respectivamente foram se tornando conhecidos e respeitados por serem detentores do conhecimento sobre a religiosidade do maracatu e a sua musicalidade. As rainhas aqui destacadas e mestres como Walter de França do Maracatu Estrela Brilhante do Recife, Afonso Aguiar do Maracatu Leão Coroado e Chacon Viana do Maracatu Porto Rico, esses últimos além de mestres também presidentes do grupo, são exemplos dessa mudança no cenário social do maracatu. Entretanto, uma vez imersos em campos de poder, onde se pode lucrar positivamente com isto, seja do ponto de vista simbólico ou pelo reconhecimento da sociedade ou ainda pelos ganhos financeiros, as relações entre os(as) maracatuzeiros(as) foram tomando feições cada vez mais competitivas, reverberando na própria organização dos grupos. É o que ocorre quando se trata de realizar a coroação da rainha na atualidade. Tema que será discutido na sessão seguinte.

Um drama social: coroar ou não coroar?

Conforme já foi sinalizado, a coroação de Dona Santa parece ter inaugurado um espaço que concorre para visibilidade e legitimação da mulher que ocupa essa posição dentro do maracatu. Não por acaso as coroações foram retomadas chegando aos dias atuais com mais força e significado. Seus desdobramentos podem ser percebidos atualmente, pois parece que ser coroada consolida a posição da rainha obtendo com isso força de atuação nas diversas disputas, que se estabelecem nos espaços de poder entre homens e mulheres dentro dos grupos.

Na atualidade, as rainhas que se coroaram a exemplo de Elda, Marivalda, Nadja e Rosalina são percebidas como pessoas importantes dentro da sua nação por serem zeladoras da fortaleza espiritual do grupo. No caso de Elda e de Nadja, especialmente, essa importância parece se potencializar ainda mais por serem Yalorixás respeitadas na comunidade onde residem e mantêm seu terreiro. Parte-se do princípio que o fato delas serem Mães de Santo pode contribuir ainda mais para a notoriedade que elas possuem dentro e fora do maracatu²⁴. Embora alguns reis também tenham tentado consolidar-se

²⁴ De acordo com alguns(mas) maracatuzeiros(as), para ser rainha coroada é exigido que a pessoa seja iniciada na religião dos orixás, pois o momento da coroação é decidido levando em conta também a vivência e ascensão dentro da religião. No caso de Elda e Nadja, ambas ocupam o cargo mais alto na

por meio da coroação, como foi o caso de Isaías do Maracatu Encanto da Alegria e de outros mais, são as rainhas que permanecem sendo as mais enfatizadas. Nesse sentido, a relação que se estabelece entre elas e os demais integrantes do grupo passa por princípios hierárquicos que tem por finalidade estruturar as interações e as relações de poder. O fala de Lígia Rosalina sinaliza para o que isto pode significar. Conforme argumenta: “Quando a rainha é coroada, ela é a pessoa principal do maracatu”²⁵. Porém, esse tipo de relação nem sempre se estabelece de forma tranquila, muitas vezes desencadeia tensões e disputas entre elas e o mestre do batuque, por exemplo, representante direto do conjunto percussivo. Essas dissensões tendem a se intensificar quando as rainhas atuam também como presidente do grupo, como é o caso, mais especificamente, da própria Marivalda no Estrela Brilhante, Nadja no Leão da Campina e Ivanize que até sua morte comandou o Encanto da Alegria.

Essas dissensões entre rainha e mestre parecem acirrar-se também porque envolvem disputas pela a posição de presidente do grupo. Esta questão é importante porque ser presidente implica na liderança e organização de todas as demandas que envolvem o maracatu, na sua relação com os órgãos de cultura e o mercado cultural. Na grande maioria dos maracatus, a posição de presidente ainda é ocupada por um homem, que por vezes ocorre também de ser o mestre do batuque. Há casos ainda em que o presidente não é o mestre nem a rainha, mas por estar nesta posição comanda todo o grupo. De uma forma ou de outra, o cargo de presidente, ocupado por homem ou mulher – no geral mestre ou rainha, parece ser o que legitima, na maior parte dos casos, quem decide e se a proeminência e fama serão do batuque ou da corte na organização de cada grupo.

Rainhas e mestres na posição de presidente procuram demonstrar a força do seu maracatu destacando-se nesta posição. Nessa perspectiva, a função de presidente, assumida por algumas rainhas, parece reconfigurar o poder nas relações de gênero, porque elas assumem a liderança do grupo no seu conjunto, a exemplo das que foram aqui mencionadas. Se o presidente é o mestre a rainha tende a ser menos importante, sua supremacia parece se restringir a dimensão espiritual. Dessa forma, o jogo de poder no

hierarquia do terreiro. Embora sabendo-se que o pertencimento religioso das rainhas é pertinente para a realização da coroação, neste artigo a relação entre maracatu e religião não será explorada por não se tratar da proposta de discussão aqui apresentada.

²⁵Entrevista concedida ao Jornal Diário de Pernambuco, Caderno Viver, 06/12/2011.

maracatu aparentemente resulta da relação com o sagrado e com o mundo profano, norteados pelas relações de gênero e por classificações nas quais estas relações operam.

Em linhas gerais não parecer haver grande diferença na forma de conduzir a organização do maracatu, esteja essa parte sob a liderança de um homem ou de uma mulher. Ambos são aguerridos nas articulações e iniciativas que devem estabelecer para manter o grupo em atividade. Dialogam com as instituições de cultura para obter financiamentos, negociam cachês de apresentações, agenciam as viagens para participação em eventos, cuidam também da parte burocrática ligada a atualização de documentos, lidam com as finanças, entre outras demandas que envolvem o funcionamento do maracatu.

Entretanto, existem algumas peculiaridades nas quais um e outro podem assumir características distintas nas suas atuações, como acontece com Marivalda do Estrela Brilhante do Recife e Afonso Aguiar do Leão Coroado. Enquanto Marivalda, além das atribuições acima citadas, está à frente também do trabalho de produção do figurino, inclusive costurando as roupas e acompanhando todo o processo de acabamento das peças, bordados e ajustes, bem como das obrigações do terreiro vinculadas ao maracatu, Afonso delega esta atividade a sua esposa, que também desfila no maracatu e coordena a equipe responsável pela confecção das indumentárias.

No Porto Rico, o presidente Chacon Viana conta com um carnavalesco e sua equipe para fazer todo o figurino do maracatu. Já no Maracatu Leão da Campina, Nadja acompanha rigorosamente cada etapa que constitui a organização do seu grupo, desde a parte das obrigações religiosas, passando pela a produção das roupas e até mesmo pela organização do batuque, que embora esteja sob o comando do seu filho não está de todo livre do seu olhar atento e criterioso. Pode-se dizer que as nuances no modelo de liderança dessas rainhas, na comparação com um homem nessa mesma posição, são exemplos das habilidades que elas demonstram ter e de como fazem uso das suas competências para comandar o grupo. Por sua vez, contribuem para conferir-lhes reconhecimento assumindo esse papel. Sendo coroadas, adquirem ainda mais respeito junto ao grupo como também fora dele.

É nesse campo de definições e particularidades que normalmente as assimetrias se estabelecem, articulando o poder de forma desigual Scott (1996). Portanto, aqui que reside a questão sobre coroar ou não a rainha de um maracatu, uma vez que isto também

se relaciona com a posição de presidente dentro do grupo. Efetivamente manda quem ocupa esta posição. É possível que nem todas as mulheres que ocupam o lugar de rainha dentro do maracatu tenha o desejo de presidir o grupo, uma vez que também deve ser levado consideração as habilidades do indivíduo para isso, quer seja homem ou mulher. No caso específico, mestre ou rainha. Entretanto, quando se trata das rainhas se lançarem na liderança do grupo, rompendo com a hegemonia masculina nesse sentido, as tensões se revelam sinalizando que tal posição desafia o poder do homem e por essa razão assumir esse lugar coloca a mulher diante de enfrentamentos nas relações de poder.

Tomo esta questão como um drama social à maneira de Turner (1974). Para o autor a noção de drama social consiste numa sucessão encadeada de eventos que conformam a estrutura das relações sociais entre os sujeitos. Nesse sentido, o drama deve ser compreendido por meio de momentos sincrônicos que se estabelecem significando o contexto dessas relações. Em linhas gerais, tais momentos são assim descritos, como sendo de ruptura, crise, liminaridade e desfecho. No caso da coroação, considera-se que a ideia de drama se instaura quando dentro do grupo reivindica-se coroar a rainha e em função disso surgem resistências por parte do presidente em concordar com esta decisão, que além de comandar o grupo ocupa também por vezes a posição de mestre do batuque. Nem todos os grupos de maracatu conferem poder as rainhas e conseqüentemente importância à coroação.

Para Afonso Aguiar, presidente e mestre do Leão Coroado, basta que a rainha seja negra. O forte do maracatu, como ele coloca, o “axé do maracatu”²⁶, está nas calungas, logo não é necessário investimento na coroação porque a força espiritual do grupo não se concentra na figura da rainha, posto ser vista como destituída de qualquer tipo de poder. Significa dizer que essa é uma decisão que será sempre adiada, tendo em vista a forma de organização do grupo. Este tipo de postura se mostra comum quando a análise é ampliada para outros grupos, cujo comando também está nas mãos de um homem, esteja ele na posição de mestre ou de liderança da nação. Dito de outro modo, coroar a rainha, significa empoderá-la, dando-lhe força de atuação nas diversas disputas travadas nos espaços de poder dentro do grupo e para além dele.

²⁶ Entrevista concedida ao Jornal Diário de Pernambuco, Caderno Viver, 08/02/2009.

Nessa perspectiva, as dissensões que a coroação parece desencadear, as quais podem ser aqui percebidas como os momentos que a constitui, assemelham-se às formulações de Turner. Assim, tem-se a fase em que se dão as negociações para a rainha se coroar como o momento de “ruptura”, as tensões e disputas em torno dos campos de poder e seus principais representantes, como síntese do momento de “crise”; a preparação espiritual, que por demandar obrigações religiosas, em certa medida, representa o momento “liminar”; e a celebração, indicativa de um novo status, significa o “desfecho” que encerra esse processo. O desfecho representa, por assim dizer, o ponto alto, quando ela torna-se coroada e tem sua posição ainda mais fortalecida por meio da sagração. Ao se analisar os meandros da coroação, a luz dos postulados de Turner, percebe-se que seus desdobramentos, no contexto atual, possuem implicações que repercutem diretamente na forma de organização dos grupos de maracatu, reconfigurando dessa forma seus espaços de poder.

Ampliando o olhar observa-se que este drama também aparece no debate sobre como deve ser o próprio ritual de coroação, o qual confirma a posição de rainha conferindo-lhe mais poder e legitimação. Para Elda Viana, a verdadeira sagração é aquela que passa pelos fundamentos da Igreja Católica, sendo o padre a pessoa mais indicada para proferir a cerimônia, como se fazia no passado nas coroações de Reis do Congo, as quais segundo ela, aconteciam dentro da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Olinda e Recife²⁷. De acordo com Elda, após o período colonial, dentre as coroações até então realizada somente a sua foi feita dessa forma, tendo sido a cerimônia conduzida pelo Cônego Miguel Cavalcanti²⁸. Argumenta ainda que imediatamente a sua coroação, por determinações do clero, as sagrações feitas nesses moldes passaram a ser proibidas.

Essa forma de significar a coroação é apenas uma dentre outras que se mostram interessantes pontuar nessa análise. Para Marivalda, rainha do Maracatu Estrela Brilhante do Recife, a ênfase colocada por Elda não deve ser levada em consideração. Pelo contrário, por se tratar de um ritual que exige da pessoa que está se coroadando envolvimento com as práticas religiosas do nagô, mais especificamente, com a ‘feitura

²⁷ Na literatura disponível não fica claro se as coroações ocorridas no período colonial, eram de fato realizadas dentro da Igreja do Rosário dos Pretos, o que se verifica, inclusive nas ilustrações, é que negros e negras costumavam se reunir em frente a esta igreja para coroar seus reis e rainhas.

²⁸ Informação extraída de uma entrevista concedida por Elda à Casa do Carnaval em Recife, no ano de 1995.

no santo'²⁹, não faz sentido invocar preceitos de outra religião para realizar a cerimônia. No caso de Marivalda, sua coroação aconteceu no adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, porém conduzida pelo o Ialorixá Raminho de Oxossi, o seu Pai de Santo. Opinião semelhante é vista também nas argumentações de Nadja, rainha do Maracatu Leão da Campina. De acordo com ela, a coroação deve ser feita dentro da religião do povo negro. No seu caso, especificamente, através da matriz Angola, a qual pertence, porém, respeitando-se o local da celebração como forma de se manter a tradição.

Assim como Marivalda, a coroação de Nadja também foi proferida por uma representante da religião de matriz africana. Ou seja, pela sua Mãe de Santo, Mércia de Oxum Acarê (já falecida). Para Nadja, a coroação é mais um dos aspectos que representa a fortaleza religiosa do maracatu e sendo esta uma manifestação fundamentalmente regida por uma matriz religiosa diferente da católica, tal celebração não poderia ser confirmada através de outra crença. O mesmo ocorreu na coroação da rainha Ivanize, do Maracatu Encanto da Alegria, que escolheu a religião dos orixás como a mais indicada para fazer o ritual da sua sagração, diferenciando-se somente no que se refere ao local da cerimônia, que aconteceu no Pátio do Terço, lugar onde se celebra historicamente a Noite dos Tambores Silenciosos do Recife na segunda-feira de carnaval.

Nota-se que os diferentes lugares e formatos de realização do ritual são motivos de celeumas e dissensões entre as próprias rainhas, por possuírem visões contrárias acerca de como cerimônia deve ser feita. Pode-se pensar que as controvérsias indicam um acirramento das disputas entre os grupos pelo reconhecimento e legitimidade das suas rainhas, uma vez que a força e os fundamentos espirituais que regem a sagração são sempre postos em debate. Isto é, quando se trata de traçar uma hierarquia e tornar a pessoa detentora de um poder simbólico. Conforme ressaltado, para Elda, realizar a cerimônia como manda a “tradição” é a forma mais correta, diferente de Marivalda, Nadja e até mesmo Ivanize que partiram das suas próprias crenças religiosas para realizarem a cerimônia.

Em se tratando de Elda e de Marivalda, particularmente, sendo rainhas coroadas de dois grupos que atualmente possuem maior destaque no carnaval, inclusive por se

²⁹ Termo utilizado pelas pessoas iniciadas na religião dos orixás.

revezarem na conquista do título do Grupo Especial, no Desfile das Agremiações Carnavalescas do Recife, o Maracatu Porto Rico e o Estrela Brilhante do Recife, respectivamente, as dissensões entre elas, sobre essa ou qualquer outra questão, serão sempre vistas como reflexo de disputas entre si e entre os grupos que representam. Em se tratando dos grupos, isto ocorre no intuito de se promoverem como legítimas nações de maracatu. Esta contenda sugere ainda disputas por prestígio e visibilidade social.

Quaisquer que tenha sido os termos, condições ou formatos em que essas coroações foram realizadas, ou até mesmo os significados a elas atribuídos, estas parecem ter concorrido para dar status aos grupos diferenciando-os entre si, tendo, portanto, a rainha como a personagem central nesse processo. Para alguns(mas) maracatuzeiros(as) ter no seu maracatu uma rainha coroada é motivo de importância, tanto para ela própria, quanto para a história do próprio grupo, que por sua vez parece se fortalecer nos espaços sociais e de reconhecimento da cultura. Esses aspectos são exemplos claros dos múltiplos sentidos que as coroações assumem (Guillen, 2004). Pode-se dizer ainda, que esse conjunto de argumentos e contraposições são também evidências dos mais diferentes usos e agenciamentos que o ritual de coroação envolve.

Considerações Finais

Baseando-se nas opiniões aqui expostas e no que pôde ser analisado no material levantado, ainda que incipiente para uma reflexão mais aprofundada, percebe-se que o fato das coroações terem sido retomadas parecem se justificar tanto pela sua importância simbólica, quanto pelos os interesses que movem as ações dos sujeitos na teia de relações em que estão inseridos. A reconfiguração de poder que a sagração promove para as rainhas, acaba também por legitimar e fortalecer sua posição como presidente do grupo, motivo que leva a disputas entre elas e o mestre do batuque, liderança desse espaço, pelo o conhecimento que ele possui da musicalidade do maracatu, bem como pela visibilidade social que conquistou através desse conhecimento.

O modo como as rainhas trabalham, ao assumirem a liderança do grupo, não se diferencia tanto da atuação de um homem nesse mesma condição, salvo algumas peculiaridades. Ou seja, as atribuições exigem de ambos o mesmo empenho e desenvoltura. No entanto, elas parecem mais atentas a tarefas que eles quase sempre

delegam a uma equipe, que por sua vez se responsabiliza inclusive por fiscalizar a qualidade do trabalho, como a feitura das roupas e tudo que se refere a essa parte. Pode-se perguntar se esse olhar mais acurado termina por fazer das rainhas lideranças com perfil mais criterioso? A forma como elas trabalham é um sinal das suas habilidades para exercer essa função no grupo? Tais habilidades servem para pensar os campos de disputas entre elas e os mestres? Essas são questões que para serem melhor compreendidas exigem uma reinserção no campo, para aprofundar as interfaces e os limites dessa relação entre as rainhas e a liderança do batuque especialmente.

É curioso notar que por mais que se tenha Dona Santa como símbolo de liderança, muitos grupos terminam não demonstrando interesse em coroar suas rainhas. Isto ocorre quando a liderança temporal é representada por um homem, que por sua vez não parece dar importância a coroação nesse sentido. Aqui, a centralidade de poder é o principal elemento a ser posto em evidência quando se trata de decidir sobre a coroação. Disso emergem os conflitos e as tensões.

As celeumas sobre o formato do ritual que confirma a coroação, ao mesmo tempo em que parecem se ligar com a tradição, tornam plausível a ideia do maracatu como uma encenação religiosa, e como tal deve ter assento e relação com um terreiro. Por outro lado, essas diferentes visões refletem as disputas entre as nações de maracatu no cenário das políticas culturais e do mercado cultural. Terá mais poder e fama aquela que conseguir tornar consensual o tipo de ritual que coroa a rainha, para isso valem as argumentações que melhor definirem os vínculos com o sagrado e com a história deste ritual.

Referências

ALBERNAZ, Lady Selma F. 2011. Gender and musical performance in Maracatus (PE) and Bumba Bois (MA). Vibrant (Florianópolis), 8. (http://www.vibrant.org.br/downloads/v8n1_albernaz.pdf; acesso em 05/04/2012).

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. 2012. Homens que dançam: gênero, corpo, raça e travestismo no maracatu. 27 p. (artigo de circulação interna da pesquisa “Concepções sobre corporeidade e fertilidade femininas entre brincantes de bumba meu boi maranhense e de maracatu pernambucano”, realizada em Recife-PE e São Luís-MA entre 2009/10 [Processo nº 402901/2008-8; Edital nº 57/2008]).

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira; NEVES, Ighara de Oliveira. 2010. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Relatório final de atividades do aluno de iniciação científica (IC) PIBIC/UFPE/CNPq. Mulheres no maracatu de Pernambuco: dimensões de gênero, raça e classe social na literatura e nos documentos oficiais. Recife.

BARBOSA, Virgínia. 2001. A reconstrução musical e sócio-religiosa da nação Maracatu Estrela Brilhante do Recife (1993-2001). Monografia - UFPE. Recife.

CARVALHO, Ernesto Ignácio de. 2007. Diálogo de negros, monólogo de brancos: transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado. Recife: Dissertação de mestrado em Antropologia, UFPE.

CRUZ, Danielle Maia. 2008. Sentidos e significados da negritude no maracatu Nação Iracema. 2008. Fortaleza: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFC.

ESTEVES, Leonardo Leal. 2008. “Viradas” e “marcações”: a participação de pessoas de classe média nos grupos de maracatu de baque-virado do Recife-PE. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPE, Recife.

FERREIRA, Ascenso. 1951. O maracatu in: É de tororó. Rio de Janeiro: Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. 2004. Rainhas coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife. In: Cadernos de Estudos Sociais. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, vol. 20, nº 01. pp. 39-52.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. 2005. Maracatus-Nação: Ressignificando Velhas Histórias. Recife: Edições Bagaço.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. 2008. Maracatus e Maracatuzeiros: Desconstruindo Certezas, Batendo Afayas e Fazendo Histórias. Recife, 1930-1945.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. 2009. Identidade Negra no Recife: Maracatus e Afoxés. Recife: Edições Bagaço.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. 2010. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000). Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

MACCORD, Marcelo. 2001. O Rosário dos homens pretos de Santo Antônio: alianças e conflitos na história social do Recife, 1848-1872. Campinas – São Paulo. Dissertação de mestrado em história, UNICAMP.

MOTTA, Roberto Mauro Cortez. 1999. Religiões Afro-recifenses: Ensaio de classificação. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, J. (Orgs). Faces da tradição afro-brasileira. Rio de Janeiro: Pallas. pp. 17-35.

OLIVEIRA, Jailma Maria. 2011. Rainhas, mestres e tambores: Gênero, corpo e artefatos no maracatu nação pernambucano. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPE, Recife.

OLIVEIRA, Jailma Maria. 2007. Relações econômicas mediadas pelo maracatu nação Leão Coroado na comunidade Águas Compridas – Olinda/PE. Monografia (Lic. em Ciências Sociais), UFPE, Recife.

PEIXE, Guerra. 1980. Maracatus do Recife. Vol. XIV, São Paulo: Irmãos Vitale.

PEREIRA DA COSTA, F. A. 1974. Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco. 1ª Edição Autônoma. Recife: Arquivo Público Estadual.

REIS, João José. 1990. Recôncavo rebelde: Revoltas escravas nos engenhos baianos. In: semana da festa da Boa Morte. Cachoeira – BA. pp. 100-126.

SCOTT, J. 1996. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo - Gênero e Cidadania.

SETTE, Mário. 1958. Maxambombas e maracatus. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Casa do Estudante do Brasil.

SILVA, Leonardo Dantas da. 2000. Carnaval do Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

SOUZA, Marina de Mello e. 2006. Reis negros no Brasil escravista – História da Festa de Coroação de Rei de Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG.

TURNER, Victor W. 1974. O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura: Petrópolis/RJ: Editora Vozes.